

Produção de Sentido em *O Continente: Movimentos do Tempo e do Vento*¹

Producción de Sentido en O Continente: Movimientos del Tiempo y del Viento

Production of signification in O Continente: Movements of the time and wind

Ana Cristina Agnoletto²
Me. Márcia de Souza³

Resumo

Este artigo tem como objetivo destacar sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. Os objetivos específicos buscam perceber o envolvimento dos fatores históricos e familiares no romance, identificar as características da linguagem literária utilizada por Erico Verissimo na composição do texto e significar o título da obra e da trilogia correlacionando à história, à linguagem e à passagem das gerações. A partir da epígrafe da obra, que foi retirada do texto de Eclesiastes, registram-se colocações sobre os termos tempo e vento com base no que foi exposto por críticos literários. A pesquisa é de caráter qualitativo porque se imbuí de aprofundamento temático centrando-se na compreensão, e, justifica-se a análise devido ao amplo arcabouço histórico e cultural propiciado pelo romance em relação à formação do povo rio-grandense, é uma obra literária que tem forte representatividade no cenário literário brasileiro. Para alcançar os objetivos, a pesquisa contempla as seguintes abordagens: o aspecto social das obras no período literário que corresponde à criação do romance; o ambiente de criação, características e inspirações de Erico Verissimo; dimensões de sentidos como os dos elementos tempo e vento. Narrando 150 anos da História do Rio Grande do Sul, *O Continente* é dividido em dois volumes e treze capítulos em que se intercalam referências ao contexto histórico, no entanto, o autor põe em primeiro plano o destino dos personagens, ou seja, evidencia questões inerentes à vida e à morte, à força e à fraqueza e às paixões e às aflições das pessoas. A pesquisa atinge os objetivos ao perceber sentidos do romance e ao verificar que o tempo e o vento são significativos do início ao fim do romance, as gerações agem e repetem ações no tempo e o vento faz-se presente nos acontecimentos.

Palavras-Chave: *O Continente*; Tempo; Vento; História; Cultura.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo destacar sentidos de la novela *O Continente*, primer parte de la trilogía *O Tempo e o Vento* del escritor Erico Verissimo. Los objetivos específicos se fijan en percibir el involucramiento

¹ Artigo apresentado no Simpósio Temático 09 - Diálogos interculturais de fronteiras: perspectivas teóricas e experiências compartilhadas, durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

² Mestranda em Estudos Linguísticos; Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS; Chapecó, Santa Catarina, Brasil; ana_agn@unochapeco.edu.br.

³ Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; Docente do curso de Letras Português-Inglês e suas respectivas literaturas da Universidade Comunitária da Região de Chapecó- Unochapecó e orientadora deste trabalho; Chapecó, Santa Catarina, Brasil; marcias@unochapeco.edu.br.

de los factores históricos y familiares en la novela, identificar las características del lenguaje literario utilizada por Erico Verissimo en la composición del texto y significar el título de la obra y de la trilogía correlacionado a la historia, la lenguaje y la pasaje de las generaciones. A partir del epígrafe de la obra, que fue retirada del texto de *Eclesiastés*, se registran colocaciones sobre los termos tiempo y viento con base en lo que fue expuesto por los críticos literarios. La investigación es de carácter cualitativo porque se imbuí de un profundidad temático centrándose en la comprensión, y justificase el analice debido al amplio marco histórico y cultural propiciado por la novela en relación a la formación del pueblo de Rio Grande del Sur, es una obra literaria que posee una fuerte representatividad en el escenario literario brasileño. Para alcanzar los objetivos, la investigación contempla las siguientes abordajes: el aspecto social de las obras en el periodo literario que corresponde a la creación de la novela; el ambiente de la creación, características e inspiraciones de Erico Verissimo; dimensiones de sentidos como de los elementos tiempo y viento. Narrando 150 años de la Historia del Rio Grande del Sur, *O Continente* es dividido en dos volúmenes y trece capítulos en que se intercalan referencias al contexto histórico, en tanto, el autor pone en primer plano el destino de las personajes, o sea, evidencia cuestiones inherentes a la vida y a la muerte, a la fuerza y a la flaqueza y a las pasiones y a las aflicciones de las personas. La investigación atinge los objetivos al percibir sentidos de la novela y verificase que el tiempo y el viento son significativos del inicio al fin de la novela, las generaciones ajén y repten acciones en el tiempo y el viento se hace presente en los acontecimientos.

Palabras-clave: *O Continente*; Tiempo; Viento; Historia; Cultura.

Abstract

This article aims to highlight significations of the novel *O Continente*, first part of the trilogy *O Tempo e o Vento*, written by Erico Verissimo. The specific objectives are to understand the involvement of historical and family factors in the novel, to identify characteristics of literary language used by Erico Verissimo in the text composition and to mean the novel and trilogy's titles correlating to history, language and passing of generations. From the epigraph of the novel, taken from the text of *Ecclesiastes*, there are aspects registered about the terms time and wind based on what literary critics has exposed about it. The research has a qualitative character because it imbues itself with a thematic deepening centered on the understanding, and, it is justified due to the broad historical and cultural framework provided by the novel in relation to the formation of Rio Grande Do Sul people, it is a novel that has a strong representation in the Brazilian literary scene. To reach the objectives, the research contemplates the following approaches: the social aspect of works in the literary period that corresponds to the novel creation; the creation environment, Erico Verissimo characteristics and inspirations; significations dimensions such as the elements of time and wind. Narrating 150 years of Rio Grande do Sul History, *O Continente* is divided into two volumes and thirteen chapters in which references are interweaved to the historical context, however, the author puts in the foreground the characters destiny, that is, he highlights aspects about people's life and death, strength and weakness, and passions and afflictions. The research reaches the objectives when perceiving significations of the novel and it is verified that the time and the wind are significant from the beginning to the end of the novel, the generations act and repeat actions in the time and the wind is present in the events.

Keywords: *O Continente*; Time; Wind; History; Culture.

1. Introdução

O Tempo e o Vento é uma das obras mais significativas do escritor gaúcho Erico Verissimo (1905-1975) e *O Continente* é o romance que abre a trilogia, composta também por *O Retrato* e *O Arquipélago*, nos quais grande parte da história do Rio Grande do Sul, posta em pauta, funde-se com a trajetória da ficcional família dos Terra-Cambará. A trilogia destaca aspectos culturais do Sul do Brasil e é uma obra literária que tem forte representatividade de elementos histórico-sociológicos.

O artigo tem por objetivo analisar sentidos que *O Continente* traz para refletir o tempo e o vento dentro e fora da narrativa, contribuindo para a compreensão do papel social do romance. Os objetivos específicos buscam perceber o envolvimento dos fatores históricos e familiares no romance, identificar as características da linguagem literária utilizada por Erico Verissimo na composição do texto e significar o título da obra e da trilogia correlacionando à história, à linguagem e à passagem das gerações.

A pesquisa é de caráter qualitativo porque se imbuí de aprofundamento temático, centrando-se na compreensão. Conforme Minayo (2001 apud SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.32), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos [...]”. Quanto aos objetivos, optou-se pelo fator exploratório porque proporciona “[...] familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 1991, p. 45). Aprimorando as ideias, a pesquisa exploratória possibilita abordar variados aspectos relativos ao tema e, para o procedimento técnico, o tema é trabalhado por meio da pesquisa bibliográfica, especialmente com a utilização de livros.

O romance é enriquecido por entrelaçamentos históricos e culturais, assemelhando-se com o passado de muitas famílias oriundas do Rio Grande do Sul. É instigante o modo como o autor transpõe a composição sujeito-meio e Zilberman (2010, p.133) afirma que “Erico Verissimo faz o diagnóstico literário mais completo da primeira metade do século XX brasileiro, apresentando ao público a obra-prima de que aquele carecia há longo tempo”. Para alcançar os objetivos, este artigo contempla as dimensões de sentidos do romance *O Continente*, bem como dos elementos o tempo e o vento nele presentes, o aspecto social da obra e o ambiente de criação, características e inspirações de Erico Verissimo.

2. A formação de um Continente

Narrando 150 anos da História do Rio Grande do Sul, *O Continente* é dividido em dois volumes e treze capítulos, dentre os quais sete se destinam à transcrição dos fatos ocorridos dentro do Sobrado durante alguns dias do ano de 1895 (na última revolução relatada na obra, a Federalista), esses capítulos intercalam-se entre os demais e ao final encontram-se na narrativa. *O Continente* é a Província de São Pedro, contudo,

É mais do que isto. Seu projeto intelectual atribui ao Continente a função substantiva de um microcosmo onde se lê - na epopeia do gaúcho - o drama do homem de qualquer latitude, assegurando o trânsito do particular para o universal (CHAVES, 1985, p.16).

A ideia de um Continente como microcosmo assemelha-se ao que se pode ler na obra *O Ateneu* de Raul Pompéia, em que um núcleo representa um plano maior. Essa obra também não possui um enquadramento porque se constrói no movimento interno e externo, simultaneamente. Em *O Continente* metaforiza-se o que incomoda e ao mesmo tempo rege a vida dos homens da época, de um tempo e de um espaço que se colocam para dentro e para fora da própria obra. Apesar de conceber determinada região do país, a obra segue de um jeito manso para muitas direções, como diz Drummond (1977), no poema *A falta de Erico Verissimo*, “óleo a derramar-se lentamente”, talvez tomando conta dos espaços e suprimindo a falta que esse mesmo Erico faz em colocar à máquina “o destino dos seres”. Pela exposição de Bordini (2004), o Continente é pouco caracterizado, Santa Fé, por exemplo, é reduzida a poucas construções na narrativa, são muito mais latentes as características das pessoas que habitam tal região.

A fictícia família Terra vivia numa estância distante, onde não existia calendário nem relógio. A filha mais nova de Maneco Terra, Ana, estava cansada daquela vida sem perspectivas porque um dia era a repetição do outro. Ana Terra ficava por horas escutando o vento, um viajante que nunca apeava do cavalo e, mesmo sem ouvi-lo, sabia que ele estava ali de alguma forma anunciando acontecimentos que, por vezes, eram muito dolorosos. Pedro Missioneiro, filho de índia com bandeirante paulista, foi criado pelos jesuítas na região das Missões. Havia nele traços marcantes do catolicismo e habilidades múltiplas aprendidas nas reduções, além de ser bastante letrado. No entanto, para a família Terra, “[...] a presença da cultura letrada, no meio rural hostil da fronteira [...]” (BORDINI, 1995, p. 220) era sempre desvalorizada. O envolvimento de Pedro e Ana foi imperdoável pela família Terra, visto que a moça foi desonrada pelo rapaz e ficou grávida.

Após passar por uma tragédia, resultante da invasão dos castelhanos na terra dos pais, Ana envolve-se de coragem para sair daquele lugar e viaja para o pequeno acampamento de Santa Fé levando consigo o filho pequeno e uma velha tesoura de podar que sua mãe utilizava em partos. Foi com este utensílio que Ana ficou conhecida como parteira em Santa Fé. “Erico explicou que procurava-se sentir mulher [...]” (BORDINI, 1995, p. 134) para compor suas personagens femininas, e no romance elas são fortes e persistentes, “[...] a resistência das mulheres assegura a continuidade dos dias e das coisas” (CHAVES, 1985, p. 28), na verdade, são heroínas sem lutar em guerra.

Na Vila de Santa Fé é refletido o desenvolvimento da sociedade gaúcha de 1745 a 1945. Santa Fé foi fundada pela família Amaral, outra família de grande impacto no romance, pois o entrelaçamento entre as famílias Terra, Cambará e a Amaral vai balançar politicamente

toda a trama. Em Santa Fé “[...] os homens são mais pacientes do que agentes, [...] recebem passivamente o progresso, as ideologias, as guerras, as revoluções” (SCHÜLER, 1972, p.170) e por lá também,

Não havia datas. Esse era um característico das gentes daquele lugar: ninguém sabia muito bem do tempo. [...], continuavam a marcar a passagem do ano pelas fases da lua e pelas estações. E quando queriam lembrar-se dum fato, [...] ligavam-no a um acontecimento marcante na vida da comunidade (VERISSIMO, 2015, p.223, v.1).

Nesse contexto o filho de Ana cresceu, foi para a guerra, casou e teve filhos. Entre os filhos, Bibiana é a réplica da forte personagem Ana Terra porque muito se assemelha à avó e repete suas falas e presságios: “minha avó costumava dizer que sempre que está ventando alguma coisa importante acontece” (VERISSIMO, 2015, p.91, v.2), e repetia uma famosa frase: “Noite de Vento, noite dos mortos...” (VERISSIMO, 2015, p.189, v. 1). Candido (1972) analisa a inserção dos personagens no enredo apontando que “[...] cada personagem é ele próprio, mas também um elo na história da família, enquanto essa, por sua vez, é um elo na história da província” (CANDIDO, 1972, p. 41-42). Também, “na sucessão do tempo, cada geração possuirá a sua Ana Terra, reeditada na personalidade de Bibiana, Maria Valéria, Flora, Sílvia...” (CHAVES, 1985, p. 28), ou seja, características marcantes dos personagens evidenciam-se no transcorrer do romance e de toda trilogia.

A beleza de Bibiana encantou um forasteiro, um certo Capitão chamado Rodrigo Cambará, que vem de onde ninguém sabe e acaba vencendo a disputa com Bento Amaral pela mão da donzela. Rodrigo era um homem de guerra, bebia num sorvo só, gostava de festas e mulheres, por consequência, transmitia ameaça àquela pacata gente. Já na chegada deu o ar da graça quando bradou: “Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!” (VERISSIMO, 2015, p. 209, v.1), afinal, chegou a cavalo, com o chapéu de barbicacho, a cabeça de macho erguida e um violão a tiracolo. A mãe de Bibiana prevê o futuro da filha: “Bibiana é bem como a avó, dessas que só gostam dum homem em toda a vida” (VERISSIMO, 2015, p. 295, v.1). O vigário do povoado sentia afeto pelo Capitão, apesar dele não ser ligado ao trabalho e gostar de festas, era um homem de bom coração. Capitão Rodrigo teve filhos com Bibiana, mas, aquela vida pacata não era para ele, sentia falta de guerra e de chinas para diversão. São muito vorazes as descrições do machismo nos personagens homens e Rodrigo personifica bem este tipo. Para o Capitão, Santa Fé era muito parada e quando a Guerra dos Farrapos estourou, ele saiu para lutar e Bibiana ficava esperando-o em dias que custavam a passar, “já que os acontecimentos são obra do destino, esperar é uma virtude [...] é virtude principalmente feminina” (SCHÜLER, 1972, p. 172), e,

como “Cambará macho não morre na cama” (VERISSIMO, 2015, p. 245, v.1), Rodrigo morreu lutando.

Por volta de 1833 chegam alemães em Santa Fé, a família Kunz e a Schultz. Era gente de costumes diferentes, muito brancos e, além de tudo, protestantes, muito estranhos aos olhos dos santa-fezenses preconceituosos com culturas diferentes. No segundo volume do romance cabe ressaltar a figura estrangeira do Sr. Winter, um médico alemão que veio morar em Santa Fé e, conforme apontamentos de Bordini (1995), foi alguém que comparou as civilizações europeia e sul-americana no romance. O Sr. Winter achava aquele povo tão ultrapassado, mas algo o prendia àquele lugar, certamente a força e resistência daquela gente surpreendiam-no.

A medicina, o jornalismo e a advocacia começavam a avançar em Santa Fé, que foi elevada à cidade apenas em 1884. O Sr. Aguinaldo Silva, um baiano, construiu um grande Sobrado na cidade, localizado no terreno que pertencia à família Terra. O Sobrado passa a ganhar destaque como um personagem, e convém considerá-lo como um símbolo de “[...] aconchego, tradição e fortaleza [...]” (BORDINI, 1995, p. 133). Alguém de fora do Continente mexeu com o ego da família Amaral.

Luzia Silva, neta de Aguinaldo Silva, é talvez a personagem mais enigmática do romance, bastante culta, tocava cítara e, na verdade, não gostava de morar ali. É possível assemelhar algumas características à personagem Capitu da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e, assim como a personagem machadiana, Luzia é uma mulher de personalidade forte que carrega mistérios num olhar profundo e inquietante. O capítulo que insere esta personagem no enredo chama-se *Teiniaguá*, uma referência à lenda de uma bela jovem bruxa moura que o diabo transformou numa lagartixa, cuja cabeça consistia numa pedra preciosa de brilho muito forte e que desgraçava a vida dos homens. O imaginário popular está presente na obra a partir dessa associação, iterando assim uma das características da estética moderna ao trazer à tona itens da crença popular. A teiniaguá desgraçou a vida de Bolívar Cambará, filho de Bibiana, que morreu logo após o nascimento de Licurgo, único filho do casal. Aparentemente o rapaz não estava mais lúcido e morreu guerreando, como o pai.

Após a morte de Bolívar, Bibiana e Luzia lutavam silenciosas naquele imenso Sobrado, enquanto lá fora transcorria a Guerra do Paraguai. Luzia adoeceu e Bibiana, enfim, tomou conta do que já era dela, como dito pelo Sr. Winter ao Florêncio, sobrinho de Bibiana: “Vosmecê está enganado se pensa que sua tia se revelou uma mulher má. Ela é [...] prática. Não só recuperou as terras de seu pai, [...] também garantiu o futuro do neto [...]” (VERISSIMO, 2015, p. 196, v.2), de uma forma pacienzosa e estratégica Bibiana agia, assim

como os homens nas revoluções. Licurgo cresceu com as letras, mas também aprendendo a se comportar como o típico gaúcho, o Sr. Winter ensinou-lhe sobre o mundo e o capataz do Angico, o velho Fandango, ensinava-o a domar cavalo, percorrer as invernadas e se comportar como “homem”. Licurgo era republicano e seguidor de Júlio de Castilhos, tinha bom coração como o avô, foi ele o primeiro da cidade a dar carta de manumissão aos escravos, porém, como o avô, gostava de sair com as chinocas, até que uma delas tornou-se amante: a Ismália, uma segunda Luzia Silva, outra teiniaguá, a que encanta e desgraça a vida dos homens? Certamente.

Nessa época via-se o aparecimento dos imigrantes italianos criando povoados perto de Santa Fé. Até o novo vigário da cidade é italiano e surpreendente é o posicionamento dele, não se abala pelo protestantismo e tem uma visão de que no desenvolvimento da cidade há espaço para todo mundo. Santa Fé abre-se para transformações, o espaço de cultura única começa integrar outras nacionalidades e o linguajar local fica imerso também por alemão e italiano, apesar da resistência local.

O encontro das narrativas chega ao fim do romance quando o Sobrado é cercado pelos maragatos. Licurgo recusou-se a estender bandeira branca, mesmo com a morte da filha recém-nascida, com o adoecimento da mulher e a situação precária de comida e água naqueles dias. Era orgulhoso como os homens daquela terra e muito teimoso como o bisavô Pedro Terra. Chaves (1985) nos diz que “Erico Verissimo manteve o modelo na estirpe do Capitão Rodrigo. São homens [...] que conduzem as guerras; podem estar em pleno combate no campo aberto ou, como Licurgo Cambará, defendendo o Sobrado [...]” (CHAVES, 1985, p. 24). No andar de cima do Sobrado, Bibiana, no auge dos 90 anos, relembra do passado, das guerras, do Capitão Rodrigo e da avó Ana Terra e lá fora está ventando como nunca, anunciando o fim da de mais uma guerra e a morte do sobrinho Florêncio Terra.

O Continente é o espaço de Ana Terra e do Capitão Rodrigo “é, pois, uma região: O Rio Grande do Sul; e, na transfiguração operada pelo autor, o espaço e o tempo mítico das personagens que o simbolizam” (CHAVES, 1985, p.16). Dentro de um cenário fictício, Erico elenca símbolos gaúchos para compor uma trajetória de guerras, rivalidades políticas, disputas territoriais, defesa da cultura, desenvolvimento social, campeirismo, sucessões familiares, entre outros elementos, condicionados pelo ambiente e manejados pela ação humana, ora passiva ora ativa, mas sempre ligada ao ventre da terra. A terra está entre o tempo e o vento, portanto, nada melhor do que nomear a família de maior destaque no romance com o sobrenome Terra. Em *O Continente* constata-se que o elemento terra é o elo das famílias,

evocadas pelo desejo de pertencimento a um espaço que o tempo não destrói, apenas altera as condições.

3. Aspectos sociais na literatura

Uma miscelânea de línguas como o espanhol, o indígena, o português, o alemão e o italiano são misturados no vocabulário do romance. Erico Verissimo traz o vocabulário regional em sentenças como: “Era com uma certa volúpia que parava rodeio, curava bicheiras, marcava o gado. Era voz geral que o próprio Ricardo gostava de sangrar as reses para carnear [...]” (VERISSIMO, 2015, p. 170, v.1) e em: “O vaqueano cozinhou arroz com charque, que ambos comeram em silêncio, e depois preparou um chimarrão, de que o médico teve de participar, para não ofender o companheiro. Dormiram ao relento [...]” (VERISSIMO, 2015, p. 95, v.2), demonstrando, sobretudo, a forte característica cultural da região.

Pedro Missioneiro tinha vocabulário espanhol, como pode ser visto quando contou como foi parar na localidade da família Terra: “[...] o cabalo fugiu, senti olor de água, estava loco de sede vim de rasto até a beira da sanga. Entonces todo quedou escuro” (VERISSIMO, 2015, p. 114, v.1). As palavras firmes de Maneco Terra relatando como eram as mulheres da cidade: “pra essas éguas da cidade não há cabresto nem palanque” (VERISSIMO, 2015, p. 124, v.1) é exemplo da língua falada pelos populares do Continente. “Aceita um amargo ou uma guampa de leite?” (VERISSIMO, 2015, p. 370, v.1), é uma enunciação que pode ser vista na obra de forma que identifica um pouco da linguagem utilizada pelos personagens e também o modo hospitaleiro como tratam os visitantes e estrangeiros que aportam na vila de Santa Fé. Capitão Rodrigo também mostra a força do palavreado gaúcho: “Me criei guaxo” (VERISSIMO, 2015, p. 247, v.1), também quando se nega à confissão católica: “Se eu me confessasse e não morresse, ia ficar com uma vergonha danada de ter me entregado só por medo da morte. Todo mundo ia dizer que afrouxei o garrão, e isso, amigo, era o diabo...” (VERISSIMO, 2015, p.288, v.1) e quando se mostra dominante no casamento: “Me frita uma linguça que eu já volto. Até logo minha prenda” (VERISSIMO, 2015, p.358, v.1).

Em obras literárias podem ser encontradas dimensões sociais aparentes como a linguagem, os costumes, modas, manifestações grupais e referências a lugares, no entanto, um assunto ao ser abordado se envolve por condições que necessitam de compreensão para entranhar-se em sentidos. A literatura constitui-se e caracteriza-se por meio do entrelaçamento de fatores sociais, considerar esses fatores na formação da estrutura da obra é decisivo para analisá-la, não obstante, é insuficiente comparar uma obra com a realidade exterior para

entendê-la, porque isso seria apenas simplificá-la. Pelos apontamentos de Candido (2002), as relações sociais na composição de toda a obra, mediante expressiva análise, leva em conta

O elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (CANDIDO, 2002, p.7).

A mestiçagem brasileira foi ignorada nas obras literárias por muito tempo e Erico traz à tona essa diversidade, além de que *O Continente* realça o folclore e a etnografia em constante movimento entre a arte e a sociedade, com influências recíprocas. A teiniaguá e o negrinho do pastoreio são exemplos de crenças populares trazidas para a estética da obra. No entanto, convém apontar que as preferências pessoais predominam na verdadeira obra de arte sobre os elementos sociais.

Autores como Erico Verissimo assimilaram aspectos da psicanálise e também “[...] plasmaram um tipo ao mesmo tempo local e universal de expressão, reencontrando a influência europeia por um mergulho no detalhe brasileiro” (CANDIDO, 2002, p. 121). Entre os aspectos característicos da criação, referindo-se a Erico Verissimo, está a vida difícil nas cidades em transformação, em que o problema prepondera sobre os personagens. Temas como o destino do homem integram a dialética do universal e do particular. Na obra do romancista a “[...] literatura só ultrapassou o regionalismo por distinguir o universal no particular” (CHAVES, 1985, p. 28), ou seja, o romance ultrapassou as fronteiras do Rio Grande do Sul por problematizar questões comuns ao ser humano que independe do espaço para existir, tornando-se universal.

Segundo Chaves (1976), os romances no Brasil, durante a década de 1930, são romances sociais, uns mais outros menos intensos nesse aspecto para reconhecer o espaço brasileiro por incorporação de características, aceitação de falas regionais e panoramas políticos. Segundo Candido (2002), e considerando a amplitude de ideias em movimento, é notável o interesse pela investigação histórico-sociológica. Cabe destacar que, como pano de fundo da trajetória dos personagens de *O Continente* estão as guerras e revoluções, como a Guerra dos Farrapos, Guerra contra Rosas, Guerra do Paraguai e a Revolução Federalista, vários dos personagens participam dos conflitos. Porém, os acontecimentos históricos não tomam conta da ação. Segundo Zilberman (2010) quando é preciso explicar o contexto, o autor preocupa-se em inserir notícias de jornal, páginas de almanaques e cartas trocadas entre personagens, a escravidão e o início do abolicionismo também são temas do romance. O

autor, então, põe em primeiro plano o destino dos personagens, ou seja, evidencia questões inerentes à vida e à morte, à força e à fraqueza e às paixões e às aflições das pessoas.

4. Inspirações e criação literária de Erico Verissimo

Erico Verissimo é considerado um autor realista que integra o movimento literário brasileiro a partir do século XX, especialmente do Modernismo da década de 1930. O romancista utiliza a estética realista para “[...] conciliar a saída para o irreal [...] com a responsabilidade de aderir ao real [...]” (BORDINI, 1995, p.27) numa representação ficcional da vida do homem e também da história. O autor buscou referência para apoiar sua visão na mimese grega, penetrando na ideia da captação dos fatos pelos sentidos.

Segundo Bordini (1995), o romancista gaúcho busca de Samuel Ichiye Hayakawa, semanticista norte-americano, sua fonte sobre concepção de linguagem enquanto simbolismo, sendo que nas definições do norte-americano o símbolo é algo próprio do homem que torna possíveis os empreendimentos humanos da linguagem dependentes, atravessando os tempos e as civilizações. Erico não separa a linguagem da prática social, assim, a semântica é fundamental para compreender o que as palavras podem fazer “[...] a favor ou contra a humanidade” (BORDINI, 1995, p.31), não obstante, as palavras possuem sentido fora delas e por consequência, Bordini (1995) aponta a desconfiança do autor na autossuficiência da linguagem.

É forte a presença do existencialismo nas obras de Erico. Essa abordagem sente especialmente os problemas do Ser perante as exigências que o tempo e as paixões acometem as pessoas. Ser fiel à imagem da vida que os homens levam para “[...] suportar a consciência da finitude e a angústia existencial que o nada suscita, estaria a função da linguagem na literatura para Erico” (BORDINI, 1995, p. 33-34). Escrever é ater-se ao que deve ser verdadeiramente exposto e assim

Erico não abandona sua convicção de que o repertório e as estratégias envolvidos no fato literário são pedaços de vida, que antes de serem a obra já estiveram em outras mãos, estão impregnados da experiência humana e não devem ser traídos pelo escritor (BORDINI, 1995, p. 33).

Como narrador realista, o romancista “sabe que, se o pampa possui um mistério, também possui uma história. [...] os campos abertos não surgem como um ponto de fuga mas como o espaço da memória [...]” (CHAVES, 1985, p. 10). Preocupando-se com as memórias,

como aliados, na interpretação do passado, teve como fonte de pesquisa diversos relatos de viajantes que percorriam o Sul do Brasil, no século XIX. Erico simplesmente definia-se como um contador de histórias e então para contá-las não omitia os acontecimentos e não os disfarçava. Há a “[...] existência de criaturas fictícias mas nem por isso menos verdadeiras” (CHAVES, 1990, p. 66), os personagens metaforizam tipos humanos historicamente constituídos.

O romancista tinha grande envolvimento psicológico nos romances, sentindo em suas entranhas a criação e o desenrolar dos fatos. O autor elege o inconsciente como elemento essencial da criação, concebido para ele como o depósito das experiências, vivências e também intenções, implicando num trabalho quase psicanalítico a fim de trazer o que está no depósito (BORDINI, 1995). Como lhe interessava questões da psicanálise tinha em sua biblioteca obras de Freud para o que desejava conhecer em maior profundidade: o homem “[...] em seus piores ou melhores momentos [...]” (MENECHINI, 1990, p. 59). Schüler (1972) também completa dizendo que “o esforço de redescobrir o passado coincide com a técnica psicanalítica de Freud, que consiste em trazer à luz da consciência experiências submersas nas águas sombrias do inconsciente” (SCHÜLER, 1972, p. 161). É uma sinfonia entre o inconsciente e o consciente, como o particular e o universal.

Erico não via próximo de si elementos que pudessem proporcionar base para a trilogia *O Tempo e o Vento* porque não lhe haviam transmitido boas imagens do Estado do Rio Grande do Sul nos livros escolares, e também não presenciava “[...] densidade psicológica [...]” (BORDINI, 1995, p. 125) em parentes e conhecidos que lhe fornecessem a inspiração literária. Refletindo os acontecimentos passados e presentes, reconheceu que havia muita coisa fascinante quando observou que a gente do Rio Grande do Sul era bastante diversa e, de fato, examinou a história com outros olhos. Desta forma, “[...] o reconhecimento de que havia matéria romanesca no povo rio-grandense é atribuída a uma elaboração do inconsciente [...]” (BORDINI, 1995, p. 126), aquele depósito de vivências, experiências e intenções.

Segundo Zilberman (2010), o romancista tinha posicionamento independente, desagradando a muitos, nunca simpatizou com o partido comunista e também manifestava aversão ao fascismo e ao nazismo, além de não seguir a cartilha dos católicos. Quando Erico começou a redigir *O Continente*, o Brasil saía de uma ditadura,

Poucas nações, como Portugal e Espanha, na Europa, e Argentina, na América do Sul, mantiveram regimes autoritários [...]. O sentimento de vitória da democracia deve ter entusiasmado o romancista gaúcho, que se dispôs a narrar o penoso percurso dessa forma de governo no Rio Grande do Sul (ZILBERMAN, 2010, p.150).

O autor era defensor das liberdades de cada um e contra as ditaduras que se instauraram no País. Contudo, “[...] Verissimo duvidava da perduração da democracia no Brasil, o que deu ensejo para que ele tivesse em *O Tempo e o Vento* uma concepção cíclica da história” (SURO, 1985, p.150), havia chances de a ditadura voltar a governar o País, o que de fato aconteceu, até mesmo depois da morte de Erico. Entre 1930 e 1945 o Brasil teve alternância entre democracias e ditaduras, e isto, de certa forma, se refletiu na obra. Há evidências de que o autor, por mais que projetasse o romance *O Continente* desde 1939, só conseguiu realmente escrevê-lo após o fim do Estado Novo, em 1945. O término de uma era política foi o início concreto de uma obra.

5. O tempo e o vento: sentidos, correlações e subjetividades

O tempo e o vento são significativos do início ao fim do romance, as gerações agem e repetem ações no tempo e o vento faz-se presente nos acontecimentos. Muito há nas entrelinhas da epígrafe do romance que dá indícios da trajetória cíclica da obra:

Uma geração vai, e outra geração vem; porém a terra para sempre permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar donde nasceu. O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e volta fazendo seus circuitos (ECLESIASTES I, 4-6, apud VERISSIMO, 2015, p. 9, v. 1).

A epígrafe enfatiza o passar das gerações e a permanência de elementos da natureza, como a terra, o sol e o vento. Há como elementos de permanência também alguns objetos, construções, caráter de personagens e os mitos porque, na verdade, o tempo não acaba com tudo, o punhal do Pedro Missioneiro e a tesoura de Ana Terra, por exemplo, são objetos permanentes e a teimosia da família Terra também.

Entre alguns conceitos e utilizações sintáticas, segundo o dicionário da língua portuguesa Aurélio (FERREIRA, 2010), tempo é a sucessão dos anos, dos dias, das horas, envolvendo a noção de passado, presente e futuro; é uma época; um momento apropriado para que algo se realize ou mesmo “certo período, visto do ângulo daquele que fala, com quem se fala, ou de quem se fala [...]” (FERREIRA, 2010, p. 2020). O tempo no romance é pulsante, intercalam-se conflitos, dramaticidade e momentos de pausas e ou esperas. Assim como definido pelo dicionário, Erico vê o tempo pelo próprio ângulo, falando sobre pessoas de um

determinado tempo, valendo-se das próprias percepções, intuições e experiências para compor um trabalho em que

A linearidade do tempo natural e a planearidade do espaço físico são desafiadas constantemente pela voz narrativa, que as inverte, recorta e atravessa, retrocede e avança, detém-se, penetra consciências individuais e coletivas, retorna e se acelera, compondo um mosaico dinâmico da formação histórica do Rio Grande (BORDINI, 2004, p.52).

Suro (1985) menciona que o tempo histórico no romance é oriundo de uma estrutura cíclico-mítica baseada na natureza, o que faz com que as coisas se repitam entre as gerações, de uma época à outra. O que se constrói é uma narrativa que conversa com o aspecto mítico e histórico concomitantemente. Também, conforme Bordini (1995), o romancista preocupou-se em compreender filosoficamente a natureza e o significado do tempo e, por isso, o tempo psicológico lhe afligiu, preferiu o tempo guardado na mente em detrimento daquele registrado pelos historiadores, não utilizando muito a pesquisa histórica, afirmou ser mais intuitivo.

Segundo Schüler (1972), o tempo em que romancista leva para narrar o que ocorre no Sobrado entre 24 e 27 de junho de 1895 é o mesmo que leva para narrar 150 anos de acontecimentos nos demais capítulos. Nos capítulos de *O Sobrado* é focada a análise dos sentimentos dos personagens e nos demais as ações são mais rápidas, a exemplo do dia em que Bibiana e Rodrigo se casam. Nas formas narrativas mais intensas ou menos intensas não há omissão dos problemas, desafios, dores e angústias, seja dentro das guerras ou fora delas, existindo assim um efeito “[...] que permanece igual em todos os períodos históricos e essa é a base filosófica do pessimismo verissiano nesta obra” (SURO, 1985, p. 153-154), tudo sempre volta, é a mesma coisa.

O elemento mítico aparece muitas vezes na narrativa. No início do romance há a imagem dos Setes Povos das Missões como mãe do Rio Grande do Sul, no capítulo chamado *A fonte*. Nesse capítulo está a origem da narrativa sugerindo episódios cercados por eventos divinos, explicações sagradas, heróis e lendas “e, como é próprio ao mito, o tempo das origens pode ser recuperado através da repetição ritualística da ação dos ancestrais” (ZILBERMAN, 2004, p.43). Como exemplo de repetição ritualística cita-se o punhal de Pedro Missioneiro, que pertenceu ao Padre Alonzo e depois é entregue ao filho Pedro Terra, e a tesoura utilizada nos partos pela mãe de Ana Terra, D. Henriqueta, que passou às mãos da filha. No entanto, segundo Schüler (1972), os personagens não buscavam o passado, pois lá continha as experiências que não foram boas, especialmente em se tratando de guerras e

violência. Juvenal Terra manuseava o punhal herdado do avô sem consciência do que este objeto representou no passado e, também, não se interessou por saber.

Os traços hereditários transmitidos aos filhos e demais descendentes do romance são bastante evidentes e até os nomes próprios assinalam que as gerações “[...] repetem as anteriores [...] Bibiana duplica a avó não apenas por se assemelhar a ela, mas por portar seu nome em duplicata: [...] também é Ana e é Ana duas vezes” (ZILBERMAN, 2004, p.43). Nesse sentido, verifica-se que a história é circular, porque as ações modernas se assemelham às do passado. Erico foi determinado no modo mítico de falar sobre a realidade, traços dos personagens permanecem do início ao fim, em que os indivíduos são vitimados pela natureza porque as características foram herdadas.

Ele que estava lá de alguma maneira, especialmente para Ana e para Bibiana Terra, o Vento é como um personagem que frequentemente aparecia para visitá-las. Paul Teyssier (1995, apud BORDINI; ZILBERMAN, 2004) opina sobre a presença do vento no romance entendendo-o como uma metáfora, é como se tivesse uma voz assustadora,

O que o vento exprime é o mistério, o medo, a asfixia, a morte. Mas o Vento é também a voz do Tempo, esse tempo que não para de passar, esse tempo das longas esperas nas solidões desse fim do mundo. [...] o Vento é a expressão dessa dor de viver que a condição temporal do homem ocasiona. (TEYSSIER, 1995, p. 390, apud BORDINI; ZILBERMAN, 2004, p. 17).

Como uso simbólico, o vento “[...] forma antítese com o tempo. Enquanto passa o tempo, permanece o vento. O vento se une às experiências dos personagens” (SCHÜLER, 1972, p. 164). Várias sentenças são narradas com a presença do vento quando um episódio anormal acontece, como: “[...] conversava com o vento que carregava suas palavras para longe” (VERISSIMO, 2015, p. 333), Pedro Terra quando soube da aventura amorosa do genro, e em “[...] as duas mulheres ficaram escutando o uivar do vento” (VERISSIMO, 2015, p. 335), Bibiana Terra e a mãe, quando a pequena Anita morreu. Com base nas sentenças proferidas pelos personagens e as narradas pelo autor, conclui-se que o vento aparece para abalar as estruturas da vida pacata dos personagens, é ele o anunciante que traz algo para desorientar a rotina. No entanto, as surpresas passam e tudo volta ao “normal”, até que o próximo minuíano apareça. Para Schüler (1972) a conclusão é melancólica porque

Os empreendimentos, sofrimentos, anseios do homem são vaidades. A história se apaga. Antes do início e depois do fim sopra o vento, o vento e nada mais. O nada situa-se em ambos os extremos da história. Os acontecimentos humanos que se ligam ao tempo não se beneficiam da perpetuidade dele. O vento não preserva os

sentimentos que se prendem a ele. Sopra indiferente a tudo. (SCHÜLER, 1972, p.165).

O vento é um elemento natural e no dicionário significa o ar em movimento; ar, atmosfera; influência; embora também signifique “coisa vã, fugaz, efêmera, vaidade” (FERREIRA, 2010, p. 2142). Na verdade, é certo que o vento passa e é fugaz, mas ele retorna sempre, dir-se-ia que o que passa e o que é vaidade são as coisas associadas a ele. Concordando com o texto de Ecclesiastes, Tapado (1996) conclui: “Pois bem, tudo é vaidade e correr atrás do vento!” (TAPADO, 1996, s.p.). O texto bíblico caracteriza a trajetória familiar, é como se fosse uma simplificação do dia e da noite de todas as jornadas vividas pelas famílias, portanto, tem relação com o objetivo de se transpor a ideia de ciclo na narrativa. De fato, a epígrafe expõe a jornada de trabalho de que a humanidade é fadada, trabalha-se de sol a sol, mas tudo é vaidade e tudo é passageiro, porque todos terão o mesmo destino: todos morrerão e, sendo assim, o homem tem de seguir algo que lhe dê sentido à existência: agarrar-se à crença em Deus.

Apesar dos moldes pessimistas da narrativa, se todas as coisas passam também as más distanciam-se, e resta a força de um povo e o franco desejo de pertencimento a uma família e a um Continente.

6. Conclusões

Romance de formação, modernista, intimista, mítico, saga familiar, romance histórico, epopeia, neorrealismo, neossimbolismo, romance social, enfim, uma infinidade de abordagens pode ser atribuída ao romance que, a partir da liberdade expressa e defendida por Erico Verissimo, faz surgir outra liberdade, a da interpretação do leitor. Assim, esse artigo atingiu os objetivos ao perceber sentidos do romance *O Continente* em meio à história, às relações entre as gerações e à linguagem utilizada por Erico. Observa-se o cunho social de busca da origem rio-grandense que atravessa as fronteiras para tornar-se universal na dialética permanente com o particular.

O contexto do romance remonta às guerras e lutas territoriais a partir de 1745 e, o fato de o autor não ser partidário de estereótipos, censuras, tampouco sensacionalismo, fomentou uma liberdade de criação para abordar o desenvolvimento de uma sociedade e da condição humana nos seus piores e melhores momentos. As referências intelectuais de Erico, além de literárias são interdisciplinares, o gosto pela psicanálise interessou o autor pelas questões que

afligem as pessoas, sem mascará-las, dizer que o machismo existe ou que a sina da mulher é esperar os familiares que foram à guerra é transcrita com uma linguagem bastante clara, mas não menos estratégica e carregada de sentidos.

O Continente tem muita informação sobre história e cultura gaúcha, a linguagem local utilizada nas falas dos personagens e também com efeito nas narrações vai sendo afetada pela imigração e emigração na região. O que dizer dos italianos, castelhanos, alemães em Santa Fé? O universal chega ao particular cada vez mais, o que se exemplifica também pela grande diversidade religiosa presente atualmente no Rio Grande do Sul.

Quanto ao aspecto metafórico para falar sobre o tempo e o vento, como objeto de análise do artigo, pode-se dizer que as famílias perpetuam-se pelo tempo, as gerações carregam heranças de frustrações e ou conquistas, mas é como se nada mudasse porque estão fadadas ao ciclo, aos movimentos de idas e vindas. É assim natural uma ventania antes da tempestade, o vento avisa que vem chuva e, no romance, ele avisa que vem problema e depois de passar a tempestade tudo volta ao normal porque o vento avisa que assim será, nada se preserva. Um lugar de forte ventania é o cemitério, porque venta tanto no cemitério? Não há barreiras grandes, é um local afastado, é onde os empreendimentos das pessoas que morreram não fazem mais sentido, onde não há preservação das tais vaidades.

Poder-se-ia dizer que o romance teria sentido em acabar na trajetória da primeira geração já que se fala de ciclo, no entanto, é inegável o desenvolvimento social e o aprendizado que a humanidade alcança para melhorar as condições de vida que só o tempo proporciona.

Por fim, esse é um romance amplo a ser explorado e a trilogia *O Tempo e o Vento* pode favorecer a reflexão da literatura como meio de conhecimento cultural e histórico e destaque para a linguagem de um autor à frente do seu tempo, e da qual Schüler (1972, p.175) destaca: “Erico Verissimo faz dos moradores de *O Continente* cidadãos do nosso tempo”, fazendo com que se reflita sobre o sentido da vida.

Referências

BORDINI, M. G. *Criação literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

BORDINI, M. G.; ZILBERMAN, R. *O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 8 ed. São Paulo: TA Queiroz, 2002.

_____. Erico Verissimo de trinta a setenta. IN: CHAVES, F. L. *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972. p. 40-51.

CHAVES, F. L.; STRELIAEV, L. *A Terra de Erico*. Relatório da Diretoria SAMRIG 1984, 1985.

CHAVES, F. L. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre: Globo, 1976.

_____. O Compromisso da literatura. IN: BORDINI, M. G. (Org.). *Erico Verissimo: o escritor no tempo*. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 65-68.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GONZAGA, S. Erico e os modernos. IN: BORDINI, M. G. (Org.). *Erico Verissimo: o escritor no tempo*. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 37-40.

MENEGHINI, L. C. Erico e a psicanálise. IN: BORDINI, M. G. (Org.). *Erico Verissimo: o escritor no tempo*. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 57-60.

SCHÜLER, D. O tempo em “O Continente”. IN: CHAVES, F. L. *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972. p.158-175.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. IN: GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (Orgs). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Cap. 2. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 25 maio. 2017.

SURO, J. R. *Erico Veríssimo: história e literatura*. 1. ed. Porto Alegre: D. C. Luzzatto, 1985.

TAPADO, R. *Nietzsche na Bíblia*. A Notícia, 1996. Disponível em: <<http://renatotapado.com/artigos/nietzsche-na-biblia> />. Acesso em: 17 jun. 2017.

VERISSIMO, E. *O Tempo e o Vento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Parte I: O Continente, v.1.

_____. *O Tempo e o Vento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Parte I: O Continente, v.2.

ZILBERMAN, R. Erico Verissimo: artista, intelectual e pensador brasileiro. *Antares: Letras e humanidades*, nº3, jan/jun 2010. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/423>>. Acesso em: 25 maio. 2017.